

IX Encontro Nacional de Estudos do Consumo

21 a 23/11/2018, ESPM, Rio de Janeiro, RJ

Grupo de trabalho: GT 04 - Globalização e circulação de bens e pessoas

Título do Trabalho: As mulheres na mediação cultural de identidades nacionais na globalização

Autora: Carolina Carvalho de Assumpção (PPGS/IFCH/Unicamp)

Palavras-chave: identidade nacional; mediação cultural; nação e gênero; mulheres; globalização

As mulheres na mediação cultural de identidades nacionais na globalização

Resumo

As identidades são construídas dinamicamente e são frutos de processos de associação e de diferenciação entre os indivíduos no meio social, sendo traçadas como um elemento de pertencimento e reconhecimento mútuo entre seus membros. O interesse da pesquisa está em compreender a mediação das identidades nacionais boliviana e coreana por mulheres imigrantes em centros culturais de São Paulo. A ênfase da pesquisa está na mediação – entendida como um processo de transmissão, atribuição de sentidos e ritualização – de tradições ditas nacionais por mulheres imigrantes no que concerne aos papéis culturais desempenhados na elaboração intelectual e prática de rituais a partir da mobilização de símbolos tratados como nacionais. A mediação cultural marcada pelo gênero feminino nos permite ter contato com narrativas de projetos e processos nacionais, em que os olhares das mulheres sobre suas trajetórias e experiências sociais propiciarão um alargamento da compreensão sobre a construção de identidades nacionais na era global. A escolha destes grupos imigrantes está pautada na recente organização institucional de centros culturais em torno das nações de origem – Bolívia Cultural, Centro Cultural Coreano no Brasil e Centro Cultural Hallyu. Esses centros, espaços desterritorializados de ritualização e significação de identidades nacionais, não estão sediados aleatoriamente; eles estão em bairros centrais da cidade global de São Paulo, a qual é permeada por um fluxo marcante de relações sociais, econômicas, políticas e culturais imersos em um cenário global.

Palavras-chave: *Identidade nacional; mediação cultural; nação e gênero; mulheres; globalização.*

Introdução

O interesse desta pesquisa está na compreensão de como as tradições construídas como nacionais são mediadas por mulheres bolivianas e coreanas em espaços desterritorializados. A hipótese da pesquisa é de que as mulheres são mediadoras culturais de suas tradições nacionais, trazendo a questão central os papéis culturais desempenhados por tais mulheres imigrantes na significação de identidades nacionais em espaços distintos da de produção cultural num cenário globalizado.

Partimos da ideia de que as identidades são construídas dinamicamente, uma que vez que são fruto de práticas dos agentes sociais, e socialmente, oriundas de processos de associação e interação dos indivíduos em um meio social relacionados à base material e cultural da sociedade (NICOLAU NETTO, 2009, p. 93). As identidades são permeadas por discursos baseados em tradições presentes na memória e no esquecimento coletivos, ainda que estes estejam constantemente sujeitos a alterações e atualizações. Há presença de um conjunto simbólico carregado de significado e compartilhado pelos integrantes do grupo, marcante na construção da identidade, como mostra Renato Ortiz:

“(...) a ideia de que a identidade é uma construção simbólica que se faz em relação a um referente. Os referentes são múltiplos: étnicos, de gênero, regionais e, no caso que nos interessa, a nação. Nesse sentido, toda identidade é uma representação e não um dado concreto que pode ser elucidado ou descoberto; não existe identidade autêntica ou inautêntica, verdadeira ou falsa, mas representações do que seriam um país e seus habitantes.” (ORTIZ, 2015, p. 152)

O processo de diferenciação entre os membros e os não-membros é fundamental nessa construção da identidade. Nas palavras de Ortiz, temos que “toda identidade é relacional e traça um território em torno de um ‘nós’ que se contrapõe a um ‘eles’, exterior ao campo de sua delimitação” (ORTIZ, 2015, p. 127), limitando, assim, a ideia de nação.

A concepção moderna de nação é marcada pela sua novidade histórica, datada do final do século XVIII. Uma compreensão genérica de nação é observada por Eric Hobsbawm como “qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação” (HOBBSAWM, 2013, p.

17), abrangendo a noção de mútua consideração dos membros enquanto um elemento fundante nacional. De maneira mais elaborada, Ernest Gellner apresenta duas definições para o conceito em questão:

“1. Dois homens pertencem à uma mesma nação se e só se partilharem a mesma cultura, a qual representa, por seu termo, um sistema de ideias, signos e associações, bem como modelos de comportamentos e comunicação. 2. Dois homens pertencem à uma mesma nação se e só se reconhecem como pertencentes a uma mesma nação. Por outras palavras, as nações fazem o homem. As nações são os artefatos das convicções, lealdades e solidariedades do homem.” (GELLNER, 1993, p. 19).

Com base nas definições de Gellner, há a ideia de partilhamento da cultura e do reconhecimento mútuo de pertença. A cultura pode englobar vários elementos, tais como costumes, vestimentas, língua e passado histórico comum. Nesse sentido, a nação pode ser compreendida também como uma *comunidade imaginada* (ANDERSON, 2008, p. 32), conceito desenvolvido por Benedict Anderson, segundo o qual pessoas que nunca se viram, em tempos e espaços diferentes, se imaginam parte de um mesmo corpo simbólico que assumem como nação. A comunidade imaginada é limitada, pois restringe o pertencimento apenas àqueles que compartilham a imagem viva da comunidade. Neste contexto, a identidade é um elemento de elo entre o indivíduo e a comunidade e também de coesão no interior do grupo.

O elo entre os elementos previamente citados e a coesão do grupo combinam uma ideia de tradição. As tradições acompanham a noção de transmissão de referências culturais por gerações, em que sua presença se perpetua por aqueles que integram a comunidade. A proposta de se considerar uma tradição inventada é perpassada pela construção e formal institucionalização de seus referenciais, e se define como:

“um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBBSBAWM e RENGER, 2008, p. 9).

Desta forma, as práticas de tradições são transmitidas por seus membros por rituais e símbolos, e estão presente no cotidiano. Nesse sentido, o Estado tem uma dupla função de, ao mesmo tempo, ser produtor da nação e a nação constitui sua

legitimidade. Logo, a identidade do povo era articulada na nação e no Estado, ambos vinculados a um mesmo espaço físico e a um mesmo povo.

Identidade nacional e globalização

A globalização não rompe com o processo e os projetos da modernidade, na qual o Estado-nação tinha o papel central na produção, circulação e consagração das culturas nacionais (NICOLAU NETTO, 2009, p. 102-103). A globalização pode ser entendida como a extensão da modernidade-mundo, visto que não demarca uma ruptura com o passado. Nas palavras de Ortiz, temos que “devemos entender que a modernidade-mundo, ao impulsionar o movimento de desterritorialização para for a das fronteiras nacionais, acelera as condições de mobilidade e “desencaixe”.” (ORTIZ, 2000b, p. 85). Entendemos, portanto, a globalização como uma expansão geográfica dos elementos presentes na modernidade, na qual o Estado perde sua o monopólio de produção simbólica e cultural de sua respectiva nação.

A globalização é um processo concomitante a profundas mudanças nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais (ORTIZ, 2000a, p.15). As transformações não ocorrem de forma homogênea nas esferas da sociedade nem tampouco em todos os lugares do globo, elas podem ser compreendidas contextualmente no espaço e no tempo. Na esfera da cultura, a nova ordem global conduz a mudanças estruturais e “constituem a base material sobre a qual se sustenta sua contemporaneidade” (ORTIZ, 2000a, p. 22). Utilizamos o conceito de *mundialização*, desenvolvido por Renato Ortiz (2000a, p. 22), que trata a cultura imersa num processo e numa totalidade, ponderando que a esfera cultural tem uma lógica distinta da econômica e política na globalização. Consideramos que a cultura mundializada é influenciada pela economia e política porém não é totalmente definida por elas; em outras palavras, defendemos que a cultura segue uma lógica relativamente autônoma, ainda que imersa no processo de globalização.

Com o advento da globalização, o Estado-nação se torna um dos agentes engajados na produção da cultura nacional, culminando na perda do monopólio desse papel (NICOLAU NETTO, 2009, p. 94) e abrindo espaço para outros agentes produzirem significados para suas identidades nacionais. Nas palavras de Michel Nicolau Netto, temos que: “há uma transferência de nível privilegiado de decisões para um espaço não mais nacional, nem controlado por Estados, mas sim global e

controlado por organizações privadas” (NICOLAU NETTO, 2009, p. 109).

Além do deslocamento da posição central da produção cultural do Estado-nação, há também a desestabilização do hífen do Estado-nação na globalização (NICOLAU NETTO, 2016, p. 11-13). O hífen é uma marcação gráfica para a relação entre o Estado e a nação, os quais passam a atuar de forma relativamente autônoma no cenário globalizado. O processo da globalização não marcou o fim do Estado moderno, cujo elemento fundante é o poder centralizado em um território delimitado, porém o colocou em uma nova posição, considerando a possibilidade de produção e reprodução das identidades em espaços desterritorializados.

A desterritorialização é uma intensa mudança provocada pelo processo de globalização, o qual explica a expansão da produção da nação de um espaço delimitado pelo Estado-nação para o espaço global, podendo se fazer presente em diversos locais. Há uma série de exemplos que ilustram este processo, como é o caso da valorização da comida japonesa em território deslocado do Japão, ou ainda Brazilian Day in NY, cujo mote deste megaevento é de celebrar a cultura dita nacional através de música aclamada pelo public brasileiro residente na cidade de Nova York. No processo de expansão global da produção das identidades nacionais, as diversas culturas nacionais passam a ser produzidas por novos agentes: se o Estado-nação continua operando (por exemplo, subsidiando os centros culturais que investigaremos neste trabalho), agentes privados do mercado e comunidades de imigrantes também se tornam agentes dessa produção, disputando seus sentidos. Da mesma forma, como nos interessa investigar aqui, as mulheres mediadoras culturais como agentes no processo de construção e atribuição de sentido a culturas nacionais em espaços desterritorializados.

As culturas mundializadas não se sobrepõem umas às outras; elas coabitam mesmos espaços globais e se alimentam mutuamente (ORTIZ, 2000a, p. 27), a exemplo das culturas boliviana e coreana na cidade de São Paulo. Essas culturas contribuem para a construção das identidades na contemporaneidade, corroborada pela análise de Stuart Hall sobre a fragmentação ou “pluralização” das identidades. Segundo ele, não há nenhuma identidade singular, dado que

“as pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e

representadas.” (HALL, 2015, p. 15)

A pluralização das identidades diz respeito não apenas ao seu local de produção como também o de recepção e de reprodução. Posto isso, é possível afirmar que as identidades nacionais são desterritorializadas: as tradições construídas como nacionais não formam um elo exclusivo com o Estado, ainda que, por vezes, sejam referenciadas a ele; isto é, as identidades não são ritualizadas em um único espaço. Todavia, os novos espaços de representação das culturas não são escolhidas ao acaso: segue-se uma ordem global de hierarquia, não mais seguindo à ordenação prévia de local, regional, nacional e global. Nesse contexto emergem-se as cidades globais.

As cidades globais são, segundo Saskia Sassen, espaços geográficos que contam com um circuito global de múltiplas intersecções e se estruturam de modo a cruzar fronteiras tipicamente geográficas. Nas palavras de Sassen, temos que:

“As cidades globais são lugares subnacionais nos quais múltiplos circuitos globais se cruzam e, assim, posicionam essas cidades em várias geografias cruzadas estruturadas, cada uma delas tipicamente tem um escopo distinto e é constituída em termos de práticas e atores distintos.” (SASSEN, 2007, p. 20, tradução livre).

Tais cidades se caracterizam por portar de uma infraestrutura em termos de dinheiro, com o sistema internacionalizado de bancos; de transporte e mobilidade, como é o caso de aeroportos internacionais; e de mídia, sintonizado com notícias locais e globais. Desse modo, São Paulo se insere na categoria de cidade global. São Paulo faz parte de um novo mapa geográfico que ultrapassa o território nacional (SASSEN, 2007, p. 21), integrando-se em uma rede que forma uma nova geografia na qual estas cidades se diferenciam e se hierarquizam entre si. São Paulo é o destino de inúmeros fluxos migratórios motivados não, necessariamente, por pertencer ao Estado brasileiro mas por estar imerso na era global. Os dados estatísticos nos oferecem referências em números sobre as comunidades imigrantes estudadas nesta pesquisa, como é o caso da imigração boliviana que “entre 2000 e 2010, o número de bolivianos na cidade [de São Paulo] registrados pelo censo aumentou 173%, pulando de 6.578 para 17.960. Isso é o registro oficial.”¹

A lente da imigração nos permite fotografar inúmeros processos sociais,

¹ Cf. “Bolivianos se tornam a segunda maior colônia de estrangeiros em SP”, *Folha de São Paulo*, 16/06/2013, disponível no site <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1295108-bolivianos-se-tornam-a-segunda-maior-colonia-de-estrangeiros-em-sp.shtml>. Acesso em 30/06/2018.

políticos, econômicos e culturais no cenário global. Logo, o estudo de migração nas grandes cidades é uma estratégia para discutir como as identidades são produzidas e reproduzidas em esfera global, “além de entender que a imigração constituiu a própria operação do processo de globalização” (NICOLAU NETTO, 2014, p. 123). A imigração não é mera consequência da globalização; ela tem seu papel marcante na construção e definição de todo o processo, sobretudo no que diz respeito à mobilidade das pessoas ao redor do globo.

Imigração é um conceito porém não é um processo homogêneo para todos e todas que o fazem. A vida dos imigrantes, via de regra, não é fácil. Vários fatores perpassam as experiências de cada indivíduos e “a dificuldade se dá em escala de seus lugares de origem, da sua condição de imigração, mas também de gênero” (NICOLAU NETTO, 2014, p. 121). As identidades são marcantes na trajetória da imigração e, na conjuntura global, a pluralização delas combinam em trajetos próprios. O lugar de origem e o gênero, enquanto marcadores sociais da diferença, são dois elementos propostos de modo relacional nessa análise. É interessante notar que o processo de globalização em algumas cidades, acompanhado da reconfiguração global da economia, afeta diferentemente homens e mulheres, no sentido de suas culturas de trabalho e empoderamento e as atividades dos imigrantes nessas cidades tem muito o que dizer (SASSEN, 2007, p. 120). Sassen afirma que “há duas arenas públicas nas quais as mulheres imigrantes são ativas: instituições públicas e privadas de assistência e a comunidade étnica ou de imigrante” (2007, p. 121), e serão em algumas dessas comunidades em que a pesquisa voltará o olhar sociológico.

As mulheres e a mediação cultural

Considerando que as trajetórias de homens e mulheres tem muito a contar sobre as experiências sociais da imigração e nas diversas formas de entender e praticar a identidade nacional, ocorre o encontro entre nação e gênero na construção destas narrativas. Este encontro é estabelecido “numa zona de tensão, na qual particulares e universais são afirmados e negados o tempo todo” (NICOLAU NETTO, 2014, p. 137-138). Gênero é um marcador social da diferença que, de acordo com o contexto, define a distribuição desigual dos papéis culturais e constrói diferentemente as experiências sociais e a visões de mundo, sendo, também, um

elemento distintivo de construção de narrativas sobre o mundo.

O gênero permite ver narrativas diferentes sobre a nação e demonstra como aquelas convencionais e consolidadas no meio acadêmico são majoritariamente masculinas. Gênero, assim, se torna não apenas um marcador que condiciona a experiência dos sujeitos frente à nação, mas também as narrativas nacionais. A leitura de mulheres sobre suas identidades nacionais e os elementos que as contituem como membras dessas nações perpassam suas experiências sociais (SCOTT,1991) e proporcionam uma ampliação acerca do debate em questão. A premissa desta ideia é de que as relações de gênero e os meios que elas afetam e são afetadas influenciam em processos e projetos nacionais (YUVAL-DAVIS, 1997, p. 4), e estas relações são construídas e reconstruídas no cotidiano e de maneira contextual.

O recorte de gênero é estruturado aqui na figura da mulher imigrante, a qual carrega consigo suas identidades nacionais e suas experiências de imigração. Como discutido previamente com Sassen, as mulheres compõem um grupo próprio no processo de deslocamento de seu lugar de origem para um novo lugar de vida, e isso a impõe certas atividades no que dizem respeito à cultura nacional. A proposta deste projeto é indagar sobre a relação entre gênero e nação em dois grupos de mulheres imigrantes em São Paulo: bolivianas e coreanas. O norte da investigação sociológica está no papel desempenhado pelas mulheres enquanto mediadoras de tradições nacionais em suas comunidades imediatas, mas também em relação a um público externo, presente na cidade. A nossa aposta é de que as mulheres são agentes essenciais nesse processo de produção de identidade nacionais em novos lugares. Nesse sentido, o debate proposto sobre as mulheres tem um recorte geracional importante, considerando as possíveis divergências de agência orientadas para a assimilação da cultura local do novo lugar de vida ou para afirmação da identidade nacional pela diferença.

O conceito de *mediador cultural* de Jesús Martín-Barbero é primoroso na construção de objeto sociológico, visto que o sociólogo considera que as mediações são lugares em que a cultura se torna presente e, com isso, as maneiras de absorção das referências dos meios são passivas de mudança (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 261). A comunicação se torna um elemento fundamental nos processos de transnacionalidade (termo do autor), de maneira a constituir um lugar expressivo do discurso de culturas. De acordo com Martín-Barbero,

“o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 261).

A mediação cultural se refere ao movimento do meio em que as pessoas estão inseridas – tanto espaços físicos quanto conjuntos de símbolos e identidades compartilhados em grupos – para a ritualização e expressão das culturas. Isso aponta para um leque amplo de possibilidades interpretativas, considerando que os meios podem agir sobre os receptores. Como as mediações vivenciadas pelos receptores são diversificadas, os sentidos e significados das mensagens serão acompanhados dessa variedade e, desse modo, as mensagens tomam forma de novas práticas e novas ações. Abre-se, então, a possibilidade de análise de discursos por parte dos mediadores, no sentido de procurar interpretar como as culturas são transmitidas dos meios – a citar como exemplo, as tradições, identidades em relação as cidades globais – às comunidades e ao público de imigrantes. É nessa direção que os meios definidos de análise são centros culturais de São Paulo e as mediadoras culturais na figura de mulheres imigrantes ativas nesses centros.

A escolha de centros culturais como espaços de objeto de estudos se deveu ao fato de serem organizações formais de culturas nacionais reconhecidas não somente pelo Estado em que a sua sede estão situadas como também pelo grupo de imigrantes, pela população local e pela ordem global. Esses espaços tem uma trajetória própria e programações ímpares no que diz respeito à construção das identidades. Os grupos estudados são mulheres bolivianas e coreanas residentes em São Paulo, em detrimento de suas recentes institucionalizações em espaços culturais que cultuam as identidades nacionais previamente mencionadas. Apresentemos os centros culturais.

Bolívia Cultural é uma “agência de notícias, promotora da diversidade cultural boliviana. A missão do Bolívia Cultural é contribuir na promoção da diversidade para construção da paz.”². Nota-se que a imagem de capa principal da página é figurada em uma mulher com feições e trajes típicos bolivianos acompanhada do slogan: “Bolivianos do Brasil para o mundo”. Não se refere ao grupo de migrantes bolivianos,

² Página do Facebook do Bolívia Cultural, disponível no site https://www.facebook.com/pg/BOLIVIA CULTURAL/about/?ref=page_internal. Acesso em 04/09/2017.

mas sim uma parte restrito desta nação boliviana localizada na cidade de São Paulo. Além disso, é referido o termo *mundo*, demonstrando preocupação com a relação com o mundo que, a partir de um olhar sociológico, revelaria a inserção desta cultura em uma lógica global. Reforçada a relevância da cidade pelo próprio site, temos que “São Paulo é o estado que recebe maior quantidade de crianças imigrantes e filhos de imigrantes em território brasileiro”³.

A questão sobre mulheres enquanto mediadoras culturais se torna plausível neste centro cultural visto que há um espaço no site do Bolívia Cultural intitulado de “Mulheres”, o qual contém histórias de mulher migrante empreendedora, encontro de mulheres bolivianas em feiras e promoção de seminários como o de “mulheres imigrantes e políticas públicas na cidade de São Paulo”⁴, por exemplo.

A cultura coreana será estudada em dois centros diferentes: o Centro Cultural Coreano no Brasil⁵ e o Centro Cultural Hallyu. O Centro Cultural Coreano no Brasil tem uma marca de desterritorialização notável no título por marcar o seu local *no* Brasil. O site oficial é bilíngue português e coreano, o que indicaria a presença da língua como um elemento cultural, porém o inglês também se faz presente, fato que apontaria para o processo de globalização na esfera da cultura. Esse site é vinculado a uma rede global de centros culturais coreanos ao redor do globo, passando pela Argentina, China, Canadá, Egito, França, Indonésia, México, Nigéria, dentre outras localidades. O centro cultural propõe também uma introdução à Coreia do Sul, apresentando referenciais do modo de vida coreano (vestimenta, culinária, moradia, feriados e festivais e religião), sociedade, cultura e artes, turismo, história. Os elementos previamente mencionados são entendidos como símbolos que contornam a ideia e o sentimento de pertença a uma determinada nação.

O Centro Cultural Coreano no Brasil tem sua sede localizada no bairro Santa Cecília, zona central da cidade de São Paulo. Criado em 2013, o centro tem atuação ativa no que diz respeito à divulgação da cultura coreana, vinculada a eventos internacionais como a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos de Verão de

³ Site oficial do Bolívia Cultural, disponível no www.boliviacultural.com.br/port/. Acesso em 04/09/2017.

⁴ Seminário Mulheres Imigrantes e Políticas Públicas na cidade de São Paulo, disponível no site <http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/seminario-mulheres-imigrantes-e-politicas-publicas-na-cidade-de-sao-paulo>. Acesso em 07/09/2017.

⁵ Site oficial do Centro Cultural Coreano no Brasil, disponível em: brazil.korean-culture.org/m/pt/welcome. Acesso em 06/09/2017.

2016 para a promoção de apresentações culturais⁶. Segundo o diretor da instituição, “o centro cultural não poupará esforços para fomentar o enriquecimento cultural do Brasil e da Coreia, através do intercâmbio e compartilhamento do patrimônio cultural. Estamos dispostos a auxiliar a construção de um mundo mais criativo e culturalmente rico”⁷. As atividades do centro são direcionadas para a promoção cultural coreana, considerando-a um patrimônio, seguindo uma lógica globalizada: associa-se a uma rede global, à megaeventos internacionais e ao caminhar no sentido da diversidade cultural.

O Centro Cultural Hallyu é “um espaço de divulgação da cultura coreana para os brasileiros”⁸. É um centro bastante recente, inaugurado em julho de 2016 “com o intuito de promover e divulgar a cultura coreana aos brasileiros”⁹. O próprio site justifica a localização do centro no bairro do Bom Retiro por ser a região conhecida como a *Korean Town* brasileira e concentrar “cafés, lojas, restaurantes e mercados destinados a comercialização de diferentes utilidades tradicionais coreanas”¹⁰. Dentre as atividades da programação oferecida pelo centro estão os cursos de língua coreana, o que marcaria, novamente, a língua como um elemento constitutivo da identidade nacional. Além disso, há a promoção de eventos como exposição de cultura K-Pop, bazares, aulas de culinárias e exposição da gastronomia coreana.

Os centros culturais são espaços de manutenção e revisão das culturas nacionais, mesmo que de um outro território, com o interesse de manter uma certa coesão social. A coesão é um conceito sociológico intensamente debatido nas sociologia, que prevê um conjunto de símbolos compartilhados por seus membros. De certa forma, a identidade nacional caminha em direção semelhante a de coesão social, construindo uma comunidade com características próprias, ainda que coesão não seja sinônimo de homogeneidade. Na globalização, como mencionado anteriormente, as comunidades são atravessadas pelo discurso da diferença e da diversidade, sobretudo em cidades globais. Fundamentamos, destarte, a escolha por centros culturais de cunho nacional na cidade global.

Ainda que com símbolos comuns compartilhados entre os membros, as comunidades de culturas nacionais não são homogêneas. Há conflitos no interior

⁶ Brazil.korean-culture.org/m/pt/6/contents/289. Acesso em 06/09/2017.

⁷ Brazil.korean-culture.org/m/pt/6/contents/289. Acesso em 06/09/2017.

⁸ Site oficial do Centro Cultural Hallyu, disponível em: cchallyu.com.br/home/. Acesso em 08/09/2017.

⁹ Disponível no site: cchallyu.com.br/home/sobre-o-centro-cultural-hallyu. Acesso em 08/09/2017.

¹⁰ Disponível no site: cchallyu.com.br/home/sobre-o-centro-cultural-hallyu. Acesso em 08/09/2017.

dos grupos, sobretudo na disputa pela imagem a ser partilhada das identidades. Nesse sentido, o gênero media as construções e narrativas sobre a ideia de nação dos grupos. Considerando que este debate está na esfera da cultura, e que esta é constituída de conflitos, não temos o objetivo de ver as culturas nacionais como coesas e completas, mas sim como um conjunto de processos de construção e de narração sobre a nação. Deste modo, evitaremos o etnicismo¹¹ e a essencialização dos grupos, de suas práticas e, sobretudo, das mediadoras culturais.

As questões colocadas a estes centros culturais dizem respeito à posição das mulheres na transmissão e significação das identidades nacionais, marcando a relevância das atividades desenvolvidas por elas e seus papéis culturais. Com a hipótese de que as mulheres são mediadoras culturais da identidade nacional, questionamos, então, quais elementos da cultura nacional elas produzem e como isso é feito, e se essa atuação seria parâmetro na reprodução e atualização de identidades plurais e desterritorializadas. Ademais, ao considerarmos as trajetórias e experiências sociais das mulheres imigrantes, poderemos empreender um estudo mais abrangente quanto às vozes que discursam, e disputam pelo discurso, de identidades nacionais na globalização. Direcionamos nosso olhar sociológico para a contemporaneidade, buscando compreender contextualmente em espaço e tempo, as identidades nacionais boliviana e coreana significadas desterritorializadamente na cidade de São Paulo.

¹¹ “Etnicismo, eu diria, define a experiência de grupos racializados principalmente em termos ‘culturais’: isto é, postula ‘diferença étnica’ como modalidade em torno da qual a vida social é constituída e experimentada.” Cf. BRAH, 2006, p. 337.

Referência bibliográfica

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, n. 26, Jan-Jun 2006, pp. 329-376.
- GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo*. Lisboa: Gradiva, 1993.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HOBBSAWM, Eric; RENGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- NICOLAU NETTO, Michel. *Música brasileira e identidade nacional na mundialização*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.
- NICOLAU NETTO, Michel. Novas formas de associação entre Estado e nação: marca-nação e a desestabilização de um hífen na globalização. *Arquivos CMD*, v. 4, n. 2, Jul-Dez/2016, pp. 11-33.
- NICOLAU NETTO, Michel. *O discurso da diversidade e a World Music*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2014.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2000a.
- ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho D'água, 2000b.
- ORTIZ, Renato. *Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- RENAN, Ernest. Que é uma nação. *Plural – Sociologia USP*, v. 4, n. 1, 1997, pp. 154-175.
- SASSEN, Saskia. *A Sociology of Globalization*. New York; London: W. W. Norton, 2007.
- SCOTT, Joan W. The evidence of experience. *Critical Inquiry*, v. 17, n. 4, Summer 1991, pp. 773-797.

YUVAL-DAVIS, Nira. *Gender & Nation*. London: Sage Publications, 1997.